

Dois sonetos inéditos

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Soneto Expectante

Que queres dos meus dias mastigados
pela insônia dos grandes desalentos?
Eu vinha andando pelos mesmos prados,
ouvindo a voz dos mesmos rudes ventos.

Eu ia andando, mas me perseguias.
Pois que queres de mim, desses meus idos
noturnos sonhos que no rol dos dias
pendem como sapatos descosidos,

como roupas imundas, esgarçadas?
Eu ia andando e ouvi claro e fremente
o teu tropel nas últimas escadas,
num fim de rua para sempre ausente.

E me pus a esperar que aparecesses,
que a mim, que não viste, reconhecesses.

Nasceu em Mariana, Minas Gerais, a 3 de junho de 1918 e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 2008. Notável poeta, foi um dos melhores sonetistas da poesia brasileira contemporânea. No dizer de José Guilherme Merquior, “com Alphonsus Filho o soneto volta a ser, resolutamente, o monumento de um momento — a cápsula verbal do vibrar de uma emoção”.

Imperfeitos

Imperfeitos que somos, todavia
algo existe que aos poucos nos desvia
para um longo caminho iluminado
que em nós começa e nunca é terminado.

Imperfeitos que somos nessa fria
noite que nos habita e nos crucia,
subitamente o olhar vê-se imantado
por um caminho que não foi sonhado.

Imperfeitos que somos, de repente
é como se até nós chegasse um guia
que sempre aqui, ali, há de existir.

Uma lanterna acende, sempre ausente.
Nós não a vemos, mas que luz macia
sentimos dela sobre nós cair.

Seis poemas cariocas

ALEXEI BUENO

Escritor. Publicou, entre outros livros, *A Árvore Seca* (2006), também com edição portuguesa, *O Nordeste e a Epopéia Nacional* (2006 – Aula Magna proferida na UFRN), *Uma História da Poesia Brasileira* (2007) e *As Desaparições* (2009). Colabora em diversos órgãos de imprensa no Brasil e no exterior, é membro do PEN Clube do Brasil, e foi, de 1999 a 2002, Diretor do INEPAC, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, e membro do Conselho Estadual de Tombamento.

Cemitério das Polacas

(INHAÚMA)

Nos beliches sobre o oceano,
Nas camas de Lapa ou Manguê
Fizeram-se, corpo e sangue,
Algo horizontal e plano.

Sob o lustre, ao som do piano,
Quanto gesto ousado ou languê,
Que mudo medo da gangue
Que as trouxe, que asco inumano.

Mas ei-las, ainda deitadas
Nos seus leitos de cimento,
Seus barcos sem amuradas.

Doadoras do esquecimento,
Ei-las na paz olvidadas
De todos, menos do vento.

Beco dos Barbeiros

Nossos pés e as folhas secas
Há tempos, tempos, te roçam
As pedras, quase as remoçam,
Polidas como carecas.

As folhas, como os calçados
Perdidos para o outro mundo
Dão-te um concerto profundo
De estalos, riscos, chiados.

Folhas de oitis, de mangueiras,
Botas, tamancos, coturnos,
Pés nus, ébrios pés noturnos,
Jornais lidos, amendoeiras,

Chinelos, heras, jaqueiras,
Gramíneas, notas fiscais,
Bilhetes de nunca mais,
Bengalas de áureas ponteiros,

Sapatos, rosas, cobranças,
Folhas dos homens, dos troncos,
Todos hirtos, ambos broncos,
Sapatilhas, pés de crianças,

Que ruído em rio, que rio
De eras sem fim, litania
Do abismo, na pista esguia
Do teu traçado sombrio

Que, à frente e atrás, é uma foz
Dando ao nada, é o dom das ruas,
Sob uns cem mil sóis, mil luas,
Ruidoso, fluente, feroz.

Apelo

Quando, cidade, eu deixar-te,
Em que mundos pulsará
Esta falta que já está
Por aqui, por tanta parte?

Esta saudade sem termo
Para onde irá? Que desgraça
O exílio do que se passa
No teu corpo infante e enfermo.

Nunca mais, manhã bem cedo,
Caminhar na Rua Larga
Entre os caminhões de carga
E o abrir portas, que degredo.

Nunca mais o Bar do Joia,
O Gaúcho, o Paladino.
O que há depois do destino?
Sem mãos, que mão nos apoia?

Nunca mais os sebos reles
Da Feijó, da Tiradentes,
Nem as luzes descendentes
Sobre as mais diversas peles.

Nunca mais o Hotel Planalto,
O Triângulo das Sardinhas,
Velhas pedintes mesquinhas,
A corrida após o assalto.

O ouro vítreo das tulipas,
Os sinos nas rijas torres,
As querelas entre os porres,
O óleo sujo a fritar tripas.

Nem o Campo de Santana
Com estátuas, ébrios, putos,
Nem pombos nos cocurutos
De uns heróis que a brisa abana.

Nem a Rua do Ouvidor,
Rosário, Gonçalves Dias,
Quilométricas de dias,
De longas filas de dor.

Nem o Largo da Carioca
Pleno de povo e de lixo,
Papéis de jogo de bicho
Que um vento cego desloca.

Nem Lapa, nem Cruz Vermelha,
Gamboa, e os burros sem rabo
Rinchando, ou pipas num cabo
De luz, nem matos na telha.

Nem descer a Rio Branco,
Cinelândia, Serrador...
É possível tal horror,
Tal golpe à esquerda, no flanco?

Resta-me ser um fantasma,
Acolhe-me, pois, qual sombra,
Cidade que amo e me assombra,
Num tempo que o tempo plasma.

Deixa-me, espectro, cruzar-te,
Eterno, nesses lugares
Que são e foram meus lares,
Eu, teu cerne e tua parte.

Cemitério dos Pretos Novos

(GAMBOA)

O mar ficara atrás, defronte o nada.
Sem seu mundo, nem o outro, ei-los sepultos,
Ossos, cinzas, libertos dos insultos
Sob o asfalto, os assoalhos, a calçada.

Invisíveis, na alheia madrugada,
Levantam-se, reúnem-se, e seus vultos

Fitam a ruela livre de tumultos
E enxergam nela a cena insuspeitada.

Hienas, zebras e leões varam as casas,
Girafas e baobás nascem das telhas,
Os grouns nos postes bicam suas asas,

E eles, ao fogo, com cauris e contas,
Dançam, estátuas brônzeas ou vermelhas,
Além da vida de ódios e de afrontas.

Passeio Público

(DEVANEIO)

Como a vida cansa. Fosse eu já um busto
Num jardim bem sujo, entre espinheiros rombos.
Meu crânio lustroso sob um sol adusto
Ficaria branco com as fezes dos pombos.

Que em meu pedestal os bêbados, aos tombos,
Viesses se escorar e vomitar sem susto.
Bandas no coreto, entre marciais ribombos,
Nunca acordariam meu perfil vetusto.

Máscara sem alma, patinando ao vento,
Que nenhum passante sequer fitaria,
Tendo embaixo um nome que ninguém leria.

E se alguém o lesse, no fragor violento
Da hora do retorno, nem o guardaria,
Servo de um senhor que não se aplaca: o dia.

Avenida Mem de Sá

Dois filhotes de *poodle* na varanda
Do casarão decrepito
Fitam o rio de metal e estrépito
Que a hora comanda.

Seis da tarde. Os dois brinquedinhos brancos,
Entre as rendas da grade
Vetusta, cheiram com curiosidade
O fumo dos arrancos.

São duas gotas límpidas de cera
Da vela do existir
Sobrenadando, antes de submergir,
O vão de onde o hoje é a beira.

Em breve, um dia, lá estará a sacada
Vazia, ou de outras formas.
Assim se cumprem as sublimes normas
Que não dão trégua ao nada.